

Ata da Primeira Reunião Pedagógica

A primeira Reunião Pedagógica entre estudantes, docentes e colaboradores(as) foi realizada no dia 27/08/2016 (vinte e sete de agosto de dois mil e dezesseis), tendo como propósito a discussão da forma de ingresso e organização de turmas para 2017, além da retomada do processo constitutivo da ONG e demais temas trazidos pelos(as) presentes. A reunião transcorreu o período pós-aula, das 17h00min às 19h00min na Rua Honório Maia, 70, casa 5 e contou com a presença de 25 (vinte e cinco) pessoas que integram o Mafalda, sendo elas: Alan Siqueira, Alessandra Ribeiro, Amanda Ventura, Andreia Almeida, Anelisia Nobre, Caio Romero, Gabrielle Idealli, Heloísa Santana, Jaqueline Feitosa, Jaqueline Mendonça, Laura Nunes, Mídrria da Silva, Nayara Carvalho, Rafael Otero, Rebeca da Silva, Renata Cristina, Renato Silva, Silvia Amancio, Suzana da Cruz, Tainá Farias, Talita Amaro, Tatiana Martins, Thaís Portansky, Thuan de Oliveira e Vitor Martins.

Talita inicia a discussão expondo os objetivos da reunião: acertar detalhes sobre a ONG Meraki e analisar as propostas para organização do ano letivo de 2017. Antes de abordar os tópicos previstos, questiona eventuais demandas por parte dos(as) presentes.

Rafael começa a exposição tratando das questões analisadas pela equipe do curso de Idiomas em reunião prévia: mudança da nota mínima de aprovação para 6; reorganização de cursos semestrais, ao invés de anuais; reavaliação para quem ficou abaixo da nota, para que se evite reprovações e estimule o(a) estudante a continuar se empenhando no próximo semestre.

Andreia questiona Rafael sobre as inscrições, que passariam a ser semestrais, consequentemente.

Talita esclarece que as inscrições estão sempre abertas e que as vagas são divulgadas esporadicamente, quando disponíveis.

Rafael interpela Talita com relação ao pagamento das taxas para matrículas semestrais.

Talita comenta que todos os pagamentos são realizados uma única vez, já que não é necessário matricular-se semestralmente, apenas anualmente. Sugere à coordenação de Idiomas que seja feita rematrícula para todos(as) que continuem os cursos pra além do primeiro semestre. Tal processo seria apenas burocrático, não financeiro. Informa, porém, que qualquer pessoa que inicie o curso, no início ou fim do ano, deve realizar o pagamento da taxa.

Silvia conta que a equipe de Idiomas pensou em realizar provas de nível, não eliminatórias, mas para que estudantes com conhecimento da língua não comecem obrigatoriamente no nível básico. Com relação a isso, a equipe de cada idioma irá elaborar sua própria prova, promovendo maior autonomia aos critérios avaliativos.

Sobre a prova de nível, Talita questiona Silvia se a inscrição será anterior à aplicação da prova. Comenta que é importante que a logística inicial seja planejada.

Rafael responde à questão indicando que seria melhor se a prova fosse realizada no momento da inscrição, para evitar que sejam formadas turmas passíveis de reestruturações a partir dos resultados obtidos. Expõe, então, mais um ponto discutido pela coordenação de Idiomas: a continuidade dos cursos para além de dois anos.

Talita avalia que é pouco viável que as turmas sejam continuadas por tanto tempo com menos de 10 estudantes. Inicialmente, o Mafalda tinha como objetivo apenas expor o conteúdo básico das línguas, estando os conhecimentos avançados sujeitos à dedicação própria de cada estudante. Conclui dizendo que os gastos em recursos humanos e espaciais não valem a pena quando para poucas pessoas.

Anelisia propõe que, ao invés de serem formadas turmas avançadas, crie-se um espaço de conversação como alternativa para treino do idioma de forma flexível, sem restrição de nível.

Talita avalia a proposta positivamente, mas ressalta a importância em se pensar nos recursos humanos e na gestão de problemas relacionados às salas disponíveis.

Rafael responde à problemática informando que, atualmente, as turmas ocupam 7 salas. Com base nisso, julga possível alocar, para o próximo ano, 11 turmas no total: 5 de Inglês, 3 de Espanhol e 3 de Francês, divididas entre manhã e tarde.

Talita anuncia a impossibilidade de tal ampliação, uma vez que não foi considerado o uso das salas para outros cursos no período da manhã.

Jacqueline informa que as salas do primeiro andar já estão comprometidas para o curso de Português para Estrangeiros.

Talita comunica que irá registrar as demandas por parte dos cursos, para que se avalie posteriormente como os espaços serão administrados. Frisa a importância em definir, nessa reunião e nas próximas previstas, um calendário para 2017, a ser analisado pela pró-reitoria da Unicid.

Rafael complementa que, caso a abertura de novas turmas seja especialmente possível, a coordenação não terá problemas em admitir mais 5 educadores(as). Outra medida acordada diz respeito à reorganização das nomenclaturas de níveis para A, B e C. A ideia é que esse sistema seja levado a todas as turmas e que facilite a identificação dos módulos.

Talita reforça que os pormenores devem ser acertados, desde a avaliação proposta até a utilização das salas. Quanto à estruturação do calendário, questiona a previsão para o início das turmas em 2017.

Rafael avalia que não é necessário que o curso seja iniciado em janeiro, em conjunto com o Pré-universitário – caso seja deliberada a proposta do Curso Básico de Matemática e Linguagens.

Talita adverte que deve ser avaliada a utilização das salas por parte do Português para Estrangeiros, para que não haja conflitos com as turmas de Idiomas.

Jacqueline expõe que a vontade da equipe é que sejam iniciadas turmas de Básico 2. Com relação à turma de árabe, conta que apesar da disponibilidade do educador, não há demanda de estudantes. Acredita que a questão esteja relacionada a não renovação do visto humanitário com a Síria e o aumento do oferecimento de cursos de português em mesquitas.

Talita comenta que, a princípio, o Mafalda era a única instituição vinculada à Cáritas Arquidiocesana que oferecia cursos e português fora de mesquitas. E decorrente disso, havia a questão religiosa, onde, fora dos templos os(as) estudantes não mais se encontravam sob julgo das normas estabelecidas.

Finalizada a discussão sobre os cursos de Idiomas e Português, Talita inicia a apresentação da proposta para organização do Pré-universitário em 2017. Após a exposição, serão debatidos os pontos principais.

O Curso Balim (Básico de Linguagens e Matemática) será composto por tópicos básicos de Matemática e Linguagens, apostilados e baseados em exercícios, a serem definidos em conjunto com as respectivas áreas. As aulas do curso estão previstas para 21/01, 28/01, 04/02 e 11/02, com divisão de meio período para cada disciplina.

Serão trabalhados 4 tópicos por aula, sendo 12 por área (Linguagens/Matemática), com término ao fim de 3 (três) semanas. Na última semana (11/02), haverá com revisão dos conteúdos trabalhados.

Com relação à organização espacial, serão utilizadas as salas grandes, gerenciando melhor os recursos humanos disponíveis. Ao todo serão 560 estudantes, divididos em salas de: 130 lugares (1 sala), 110 lugares (2 salas), 70 lugares (3 salas); ou seja, uso de apenas 6 salas com aulas regulares (normal são 10 salas).

Quanto ao ingresso, o período de inscrição online será entre 10/12/2016 e 13/01/2017. As matrículas serão realizadas de 9 a 13/01/2017, de segunda a sexta, das 10h00 às 14h00, por ordem de chegada, até que se esgotem as vagas.

Aula Inaugural no anfiteatro em 14 de janeiro de 2017 (sábado) com quatro horários diferentes, sendo o agendamento feito no momento da matrícula. Presença obrigatória dos familiares dos(as) menores de 18 anos de idade. Este será o momento de explicar o funcionamento do Mafalda, a organização das aulas e das primeiras semanas, assim como fornecer informações gerais sobre o Enem e os vestibulares paulistas.

Com relação ao material didático: será entregue um caderno por estudante, com os conteúdos de todas as semanas do Balim. Cada tópico deverá ser composto de ao menos 3 exemplos de resolução, acompanhado de 5 (cinco) a 10 (dez) exercícios para serem realizados na sala de aula. O material deverá vir com exercícios para resolução em casa, divididos pelos dias da semana. Sendo assim: 50 exercícios por semana, divididos em 5 dias, com 10 exercícios por dia. Esta ação tem objetivo de estimular os estudos em casa. Na capa haverá informações relativas à estruturação do curso básico e da prova classificatória. No verso dessa folha pode ter um informe com "dúvidas frequentes".

No dia 19/02/2016, uma semana após o fim do curso, será aplicada uma prova para organização das salas. Ou seja, as turmas serão estruturadas com base no desempenho dos(as) estudantes. A prova será composta de 50 questões, sendo 25 de Matemática e 25 de Linguagens, e uma Redação em modalidade dissertativo-argumentativa, com abordagem dos conteúdos trabalhados no Curso Básico. Após a avaliação, será divulgada na internet a consolidação definitiva das 10 salas (3 de 70 lugares e 7 de 50). Início das aulas regulares no dia 04/03/2016.

Talita finaliza a apresentação e pede para que todos(as) comentem o que foi exposto.

Caio avalia positivamente a proposta, porém não concorda com a divisão das turmas a partir do desempenho na prova. Entretanto, quer ouvir as opiniões dos(as) demais presentes.

Talita propõe que a fala dos(as) estudantes e ex-estudantes seja priorizada no debate, uma vez que as perspectivas desses(as) muito diferem com as dos(as) educadores(as).

Gabrielle comenta o problema das conversas paralelas em sala de aula, e atribui a isso à livre escolha das salas no momento da matrícula. Julga que uma vez que os grupos estejam divididos aleatoriamente, as pessoas ficariam mais inibidas para conversar, facilitando assim, o desenvolvimento das aulas.

A estudante Rebeca concorda com o nivelamento das turmas, tendo em vista as diferenças no processo de aprendizagem. Nesse sentido, estudantes com níveis semelhantes na mesma turma teriam mais facilidade para prosseguir com o conteúdo transmitido.

Nayara concorda com o nivelamento, pois acredita que algumas pessoas com muitas dificuldades podem atrapalhar o restante da turma, uma vez que o(a) educador(a) as direciona mais atenção. Consequentemente, seria melhor para o(a) educador(a) conhecer quais as dúvidas da turma, para trabalhá-las efetivamente.

Rebeca estabelece, com base em sua experiência, um comparativo com o Mafalda e cursinhos particulares. Tais instituições seriam muito mais rígidas com relação ao comportamento dos(as) estudantes, não havendo qualquer espaço para conversas paralelas.

Jaqueline, estudante, concorda com o critério para divisão das turmas. Com esse sistema, é possível direcionar um tratamento às pessoas conforme suas dificuldades e domínios.

Mírdia questiona se a divisão proposta irá englobar as dificuldades por área.

Talita deixa claro que as turmas serão compostas de acordo com o número de acertos. A divisão por áreas do conhecimento seria inviável, pois dificultaria o trabalho dos(as) docentes.

Alan defende que uma separação por denominador comum não faz sentido. Não facilitaria para o(a) educador(a), por conta dos diferentes desempenhos por área. Portanto, seria mais efetivo se fosse feita apenas uma distribuição aleatória.

Com o objetivo de avaliar adequadamente a composição das turmas, Vitor sugere que sejam realizados os cálculos das médias e medianas.

Talita comenta a experiência do Mafalda com provas avaliativas até o presente: apenas grupos muito pequenos estavam divididos entre os melhores e piores desempenhos, a maioria, no entanto, apresentava resultados médios.

Com base nisso, Vitor acrescenta que é mais fácil trabalhar os extremos. O desafio seria conseguir mobilizar a maioria que se mantém estagnada na média.

Thais diz não ter opinião formada. Lembra que, quando estudante, havia divisão por nota e as turmas eram quietas e conseguiam avançar nas matérias. Não sabe, porém, se a separação faz tanta diferença para o(a) estudante quanto para o(a) educador(a). Acredita que o real problema é que o(a) educador(a) saiba lidar com as turmas de desempenho inferior.

Sobre a exposição da Thais, Rebeca adenda a questão individual nesse sentido. Uma vez que as pessoas têm muita dificuldade, elas devem buscar no material estruturado uma base para sua aprendizagem.

Amanda, coordenadora da Unidade Ferraz, comenta não ter problemas com conversas paralelas, uma vez que as salas são pequenas. Acredita que a distinção proposta fará com que as salas com menor rendimento se desmotivem, já que o(a) docente não será capaz de atender a todas as dúvidas simultaneamente. É contra, porque acredita que uma maior heterogeneidade permite que os(as) estudantes se ajudem nas dúvidas.

Tatiana posiciona-se contra o sistema de separação de salas, pois acredita que não haverá impacto para nenhum dos lados. Leciona desde 2012, e para ela a maior dificuldade está situada no *feedback* dos(as) estudantes, pois a pouca participação faz com que o(a) docente não saiba se a metodologia está sendo efetiva. Comenta que não tem grandes problemas com a questão da fala.

Talita aborda o problema do falatório, lembrando o caso que a psicóloga Anelisia expôs: ao fim de 2015, o familiar de um estudante a noticiou que seu filho não mais frequentaria o Mafalda, porque sentia que as conversas tornavam o ambiente improdutivo. Sob essas condições, Talita comenta que estudantes com muita dificuldade, assim como aqueles(as) com conteúdo consolidado, não são capazes de avançar e, conseqüentemente, debandam.

Renato não vê necessidade em compor turmas conforme seus desempenhos. Avalia positivamente o caráter popular do Mafalda, mas reconhece que não é possível que todas as pessoas sejam cativadas. Argumenta que grupos de amigos em um mesmo ambiente podem gerar conversas indevidas, mas podem servir como fonte de estímulo para maior frequência e participação nos espaços.

Mídrria corrobora a questão do estímulo quando em grupo. Sobre a divisão com base em prova, preocupa-se com as diferenças entre habilidades para cada área do conhecimento. Acredita ser positivo que amigo(as) estejam na mesma turma, pois podem se ajudar quando há dúvidas nas matérias.

Com base no comentário da Mídrria, Tainá enfatiza que o tempo de aula é muito curto para que os(as) estudantes desviem o foco, mesmo que por bons objetivos. É mais produtivo que os(as) docentes possam saber quais são as dúvidas, para intervir diretamente e solucionar os problemas. Uma vez que um grupo está conversando em sala, não é possível para quem leciona saber do que se trata. Infere que a estrutura organizacional do Mafalda não possibilita esse tipo de interação. É favorável à divisão das turmas sob o molde proposto.

Tatiana questiona a Tainá se ela sentiu diferença entre as turmas nesse ano.

Talita expõe que a diferença é sentida efetivamente quando se lida com as turmas de melhor e pior desempenho.

Tainá responde que, de forma geral, todas as salas do 4º andar são problemáticas. A principal dificuldade para ela está na questão das conversas inadequadas.

Tatiana diz que, na verdade, o(a) estudante que possui dúvida não se expressa.

Caio ressalta a questão do número de estudantes para cada sala organizada. Não é possível que sejam estruturadas turmas com os(as) 120 mais bem avaliados, pois de qualquer forma, haveria problema com o volume.

Nesse sentido, Talita salienta que, na proposta apresentada, serão utilizadas apenas as salas com capacidade para 50/70 pessoas. Decorrente das reclamações da equipe de Matemática, Física e Química, acredita ser inviável a continuidade de turmas grandes.

Com relação à divisão por desempenho, Caio comenta que seria mais eficaz se o método não for divulgado, nem a estudantes e nem a docentes. Diferentemente dos cursinhos privados que utilizam o escalonamento, no Mafalda não haveria corte de bolsas e nem chacota por parte de outras turmas, portanto o sistema não prejudicaria o(a) estudante. Apesar disso, diz ainda não ter opinião formada.

Seguindo a exposição de Caio, Alessandra comenta sua experiência pessoal com a distinção por notas: mesmo que não tenha sido incluída na turma mais elevada, não teve seu desempenho comprometido. Diz estar ainda pensando na proposta.

Vitor reflete sobre o caráter popular do Mafalda. Segundo ele, nosso objetivo seria o mesmo de outros cursos privados, porém extremamente necessário aos(às) mais desprovidos(as): aprovação nos vestibulares. Diante desse fato, é essencial que nos dediquemos muito mais que instituições particulares e que adaptemos métodos testados à nossa realidade. É necessário, então, que se pense em estratégias cabíveis diante de possibilidades reais. Alega que o problema das falas seria resultado da falta de seriedade dos(as) estudantes, e esse fato seria resultado da flexibilidade do Mafalda. É preciso se cobrar seriedade para com o projeto, além de dedicação por parte do corpo discente. Nesse contexto, a prova poderia impactar sob os pontos supracitados.

Andreia concorda no sentido atribuído por Vitor à prova avaliativa.

Vitor complementa a diferença existente entre aulas nos polos opostos. A percepção de que a pessoa não está tão destoada do restante ajuda no desempenho. Em turmas heterogêneas, cria-se um constrangimento a quem não consegue acompanhar a matéria e, igualmente, a quem está além do conhecimento médio. Portanto, há um repasse de responsabilidades da administração para os(as) estudantes. Conclui que é a favor da proposta e acredita que estratégias devem ser avaliadas para o estímulo da seriedade dos(as) estudantes.

Caio ressalta como a evasão seria semelhante, independentemente da composição numérica das salas.

Silvia compartilha sua experiência pessoal com relação à participação em aula. Acredita haver certo constrangimento sobre o(a) estudante em casos de dúvida, em especial nas turmas maiores. Questiona qual o sistema utilizado pelos(as) educadores(as) para atender a essa questão. Defende que as salas com maior capacidade não devem ser utilizadas. Sobre a separação de grupos de pessoas conhecidas, acredita que não será prejudicial, e que sempre haverá oportunidade para que sejam estabelecidos novos vínculos.

Sobre o tópico do *feedback* por parte dos(as) estudantes, Anelisia compartilha o método que adota para medir o quanto foi aprendido: no início e término das aulas, pergunta aos(às) presentes o que sabem sobre o assunto da exposição. O que acontece muitas vezes é que o(a) estudante não sabe se expor, ou toma como critério elementos

externos, sem de fato absorver a matéria propriamente. Por fim, acredita que a construção de um ambiente afetivamente reforçador pode ser benéfica para a relação com os estudos.

Gabrielle indaga o que significa “um ambiente reforçador”, nesse sentido.

Anelisia responde que seria um espaço em que os(as) estudantes falassem e não se sentissem negados. Uma vez que no ambiente escolar, raramente as opiniões dos(as) estudantes são ouvidas, por vários motivos, – entre eles, porque o(a) educador(a), tomado pelo nervosismo, não sabe lidar com a interação – acredita que, do ponto de vista afetivo, a separação por nota faria com que os(as) estudantes se sentissem mais confortáveis. Cita Vygotsky para argumentar que, quando o assunto de aula está muito longe ou muito próximo e consolidado, o(a) estudante se envolverá menos na disciplina. Por fim, expõe que a nossa sociedade, tal como é, molda a individualidade e atrofia a colaboratividade em cada um(a).

Gabrielle aponta para como as falas são carregadas de subjetividade, por falta estudos. E mesmo que fossem apresentadas as visões e especialistas e dados empíricos, haveria espaço para contestação. Como educadora de Atualidades, não vê diferença entre turmas escalonadas ou não, pois, de uma forma geral, suas aulas buscam incentivar a participação. Porém, preza que durante a exposição, os(as) estudantes permaneçam em silêncio. Quanto às salas grandes, considera que a manutenção das mesmas apenas tornaria mais trabalhoso algo já complexo. Defende a estruturação por desempenho, levando em consideração a visão dos(as) estudantes e da equipe de Matemática, Física e Química.

Sobre a questão colocada por Vitor, com relação à seriedade com o cursinho, Mídrria avalia que nesse ano houve pouco diálogo por parte da coordenação com as turmas.

Vitor questiona se essa situação poderia ser revertida se fossem organizadas conversas entre os(as) coordenadores(as) e representantes de turma todos os meses.

Mídrria acredita que sim, e avalia a proposta positivamente.

Talita menciona a entrada da psicóloga Thais Gigeck no Mafalda, para a análise da demanda para eventuais encaminhamentos ao serviço de saúde especializado em psicologia e psiquiatria. A partir dessa experiência, juntas desenvolveram a ideia do NAE (Núcleo de Apoio ao Estudante). O projeto, com previsão para implantação em 2017, está baseado em um espaço livre para o acolhimento de estudantes. Nesse ambiente, educadores(as) revezariam os dias e horários para permanência. Com relação à ideia inicial de Vitor, destaca a dificuldade em reunir as coordenações das áreas: algo fora da realidade atual do cursinho.

Caio questiona a possibilidade de se organizar reuniões mensais abertas, para maior aproximação e identificação do(a) estudante com o ambiente.

Talita retoma a ideia do NAE, como uma alternativa à questão levantada. Aponta para a problemática dos encontros periódicos: para cada atividade realizada nesse sentido, os(as) estudantes deixam de participar de aulas especiais e plantões de dúvidas. Então, sendo a escassez de tempo um grande problema apontado pelo corpo docente, não considera viável.

Gabrielle propõe que cada sala tenha um(a) educador(a) responsável, para intermédio de questões e demandas. Com isso, seria estabelecido um elo entre a administração e as turmas.

Tainá ressalta a importância em se pensar a questão dos ingressos ao longo do ano letivo. Uma vez que o conteúdo é cumulativo, alguém desprovido das bases não teria bom desempenho em matérias mais avançadas.

Talita esclarece que as matrículas seriam por ordem de chegada, seguidas de provas niveladoras, sob a forma de simulados gerais. A ideia é que haja ingressos apenas em maio e em agosto. Por fim, retoma a proposta de organização de 2017.

Os(as) presentes entram, então, em regime de votação.

- Deve-se retomar o uso exclusivo de salas com capacidade de 50 e 70 estudantes no Pré-universitário de 2017?

SIM: 12 (doze) votos;

NÃO: nenhum voto;

ABSTENÇÕES: 8 (oito).

- Serão realizadas provas avaliativas para o escalonamento de turmas conforme desempenho no Pré-universitário de 2017?

SIM: 11 (onze) votos;

NÃO: 5 (cinco) votos.

- Aprovada a divisão de turmas com base no número de acertos, tal informação deve ser divulgada a estudantes e educadores?

SIM: 4 (quatro) votos;

NÃO: 16 (dezesesseis) votos.

Fica definido que o ingresso no Pré-universitário em 2017 será por ordem de chegada, sendo realizada, posteriormente, uma prova para definição das turmas com base no número de acertos. O método não será divulgado.